

General Carlos de Meira Mattos (perfil e obra geopolítica)

Luis Fontoura

Professor Convidado do Instituto Superior
de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa
I

1. O General Carlos de Meira Mattos, Soldado de aprumos consagrados, Doutor em Ciências Políticas, Professor de Geopolítica, investigador incansável e formulador rigoroso e oportuno de propostas para uma geopolítica própria para o Brasil, faleceu a 26 de Janeiro de 2007, em São Paulo. Durante os últimos anos, fui amigo que, abusando das modernidades, muito frequentemente o importunou de Lisboa com *mails* interrogantes e reparos desafiantes nestas matérias da geopolítica que nos aproximaram e justificaram alguns tantos encontros, sendo eu ouvinte e aluno atento e ávido.

Este texto é, assim, para mim, como que a retoma das repetidas conversas na sua residência da Urca, no Rio. Recordo o General com a simplicidade dos grandes, académico descontraído e solto, lançando-se para regiões de saberes que dominava soberanamente, mas, apesar disso, avançando o pensamento sempre com prudências de académico insatisfeito. Vim, sempre, dos nossos encontros, verdadeiramente impressionado com o General e com o Professor, que sabia olhar e discretear, com imperturbada serenidade e com argúcia requintada, para as coisas complicadas do Mundo, principalmente as sedeadas no quadro amplo da sua vocação intelectual. Dominava, com rigor e com vastos e actualizados conhecimentos, ancorado seguramente na sua formação de geopolítico, tudo o que dizia respeito aos sucessivos e cruzados lances da política internacional em geral, à dinâmica estratégica das situações, ao jogo complexo das forças em acção, comentando e futurando as alternativas dos desenvolvimentos que vinham por aí. O acervo de conhecimentos com que, implícita ou explicitamente, fundamentava o seu discorrer ágil era verdadeiramente notável, revelando, com naturalidade, sem exibicionismos vulgares, uma multidisciplinaridade para que convocava a história, a geografia, a sociologia, a ciência política, a economia, o passado já extenso e o presente acompanhado com

atenção, a sua própria vivência de soldado e cientista, ambas de fecundidade excepcional. Tudo com elegante modicidade, como se fosse coisa de somenos.

Admirei, sempre, a firmeza serena com que sustentava, reafirmando-as com convicção, todas as várias ideias geopolíticas e projectos geoestratégicos com que, tinha disso segura consciência, ajudara o seu país. Fizera-o trazendo ideias e conceitos originais durante quase meio século de labor metódico, em trabalhos de fôlego ou simples intervenções de acaso, sempre de elevado mérito, assim inovando tradições e conhecimentos dos seus coevos e antecessores na matéria. Contribuindo, valiosamente, com suas opiniões e suas sugestões marcadas por firme independência de julgamento, intervindo na vida pública com avisados aconselhamentos que, não raro, tiveram aplauso, aceitação e seguimento pelos agentes decisórios.

Sempre apontando para o interesse superior da Pátria. O único que conheceu.

2. Pela sua mão sábia, fui aperfeiçoando conhecimentos sobre geopolítica brasileira, conheci-lhe as raízes mais fundas, as primeiras ideias. O General remontava, na sua teoria geral, ao *Príncipe Perfeito*, D. João II, e fixava-se na apreciação detida do conceito estratégico nacional dos portugueses que encontrou, na inteligência e na coragem do monarca português, a sua expressão maior e decisiva. Admirava a figura do rei lusitano, a sua antevisão genial de um Mundo Novo que chegava, negociador astucioso e determinado do *Tratado de Tordesilhas*, solução política original, patrocinada por um Papa castelhano, que se pensa ter-se destinado, em *ultima ratio*, a salvar as imensas terras do outro lado do atlântico, segredo inviolado da Coroa portuguesa. Uma imposição geopolítica, no dizer de Meira Penna¹, e em cuja defesa se empenharam, com denodo, ao longo desses recuados tempos, portugueses e brasileiros.

A propósito, franqueou-me o conhecimento de pensadores de um e outro lado do Atlântico, textos e simples apontamentos de épocas várias, conduziu-me às primeiras reflexões sobre a conquista e a defesa do espaço brasileiro, ainda antes da Independência. Era minucioso nas invocações que fazia, abundante no que sabia, guiando a minha atenção aos primórdios, chamando ao tema o historiador português

¹ Citado por Carlos Meira Mattos, “A geopolítica Brasileira-Predecessores e Geopolíticos”, in *Revista da Escola Superior de Guerra*, 2000, N. 39, pp. 58-82.

Gabriel Soares de Sousa que, escrevendo em 1587², antevia o grande império confirmado nos nossos dias; o brasileiro de Santos, Alexandre de Gusmão, ministro de D. José, Rei de Portugal, a quem se atribui a inspiração do *Tratado de Madrid*, de 1750, que representa, ao sustentar e forçar a aceitação e a aplicação do princípio *uti possidetis* na delimitação das fronteiras entre a colónia portuguesa e as que, em seu redor, se encontravam sob soberania espanhola, um notável ganho de espaço, o espaço quase definitivo do Brasil; e José Bonifácio de Andrada e Silva, outro de Santos, lente de Coimbra, sábio de reconhecimento europeu, instruindo com clarividente sentido geoestratégico os eleitos de S. Paulo às Cortes de Lisboa, para ali sustentarem a interiorização da capital do país como solução adequada à enorme massa continental que integraria a soberania brasileira previsível e inevitável tornando, assim, mais eficaz, a sua defesa, criando melhores condições para a sua administração³. O Patriarca da Independência foi, para Meira Mattos, o grande projectista da pátria nascente, arrolando e avaliando-lhe potencialidades, gizando os caminhos a percorrer, prevendo urgências e ordenando as prioridades de uma nação que fazia o seu caminho para a independência inevitável. Vinha, também, o nome de um outro extraordinário brasileiro, o Barão do Rio Branco, conquistador, com seus talentos e saber, sua arguta pertinácia e suas batalhas diplomáticas nos foros internacionais, onde claudicassem os interesses do Brasil, dos últimos espaços que vieram conformar, para a História futura, o Brasil.

Mas logo me remetia o General Meira Mattos para o estudo mais cuidado da acção dos que foram, desde os inícios, os desbravadores do espaço brasileiro, as *entradas* e as *bandeiras*, terrestres ou fluviais que, adentrando os confins desconhecidos, foram levando a soberania e a autoridade do Estado sempre para mais longe, desacatando os limites fixados nas cartas e nos mapas de antão. Brancos, índios, negros e mamelucos, unidos, de momento, por interesses vários, mas, também, pelos mesmos sofrimentos e canseiras, cometeram a epopeia de disseminar, pela hinterlândia continental do Brasil, a presença da nova nação que se erguia⁴. Era o espaço que se

² Gabriel Soares de Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

³ José Bonifácio de Andrada e Silva, *Lembranças e Apontamentos do Governo Provisorio da Província de São Paulo para os seus Deputados; mandados publicar por ordem de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente do Brasil; às instâncias dos mesmos Senhores Deputados*, Rio de Janeiro; na Typographia Nacional, M.D. CCC. XXI.

⁴ Ruben Oscar Moro, "Historia de un expansionismo geopolítico", in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1976, Ns. 3 e 4, Março/Junho, pp.27-41.

desdobrava em acrescentos significativos cada vez mais amplos, a desenhar os contornos de uma futura potência.

Assim me embrenhei, com o seu conselho de Mestre, na leitura de clássicos brasileiros da matéria, para que eu pudesse bem avaliar, dizia-me, como fora construir o espaço brasileiro, o espaço de que decorreria uma geopolítica singular, como veremos adiante. Um dia, sabendo-me em investigações por aí no estrangeiro, teve a amabilidade de me enviar recomendações para a análise de textos que vieram complementar, enriquecendo-os, meus conhecimentos sobre esses tempos iniciais. Toda essa leitura me fez perceber melhor, como era sua intenção, a substância das teses dos geopolíticos brasileiros e, especialmente, as do General.

Igualmente, entrando já nos doutrinários, foi-me falando dos seus antecessores e suas obras, obras que tinha bem sabidas e bem meditadas; e referia os seus contemporâneos, apreciando o labor de todos com altura e saber, detalhando diferenças de entendimento que os singularizava, sublinhando o que os unia e o que os diferenciava. Foi aprendizagem bem dirigida, para que melhor entendesse a geopolítica brasileira.

3. Falemos dele. O Homem não carece de apresentações esmiuçadas, vulto nacional que foi. Mas devemos, não obstante, recordar a nobreza da sua personalidade rica e multifacetada, a sua maneira de ser e de estar, sempre no superlativo. Natural de S. Carlos, em São Paulo, cursa a Escola Militar do Realengo, assenta praça como cadete em 33 vivendo, a seguir, toda uma existência dedicada, com primazia, à carreira das armas. Presente toda a vez que o Brasil dele necessitou, na paz e na guerra; frequentou, sempre com brilhantismo, cursos militares e civis; desempenharia, com brilho, funções várias, fardadas ou não, por todos esses longos anos; beneficiaria, com o seu saber, instituições militares onde ensinou, até chegar ao comando da prestigiada Academia Militar das Agulhas Negras; comandaria forças até às honrosas responsabilidades de Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; andaria pelo estrangeiro em representações do Brasil, opinião sempre acatada com respeito; levaria frequentemente, conferencista credenciado, os seus múltiplos conhecimentos a Universidades brasileiras e norte-americanas; assumiria, com distinção reconhecida, a vice-directoria do Colégio Interamericano de Defesa (Washington); finalmente, em

1977, quase meio século depois dos primeiros dias de Realengo, Carlos de Carlos de Meira Mattos, General de Divisão desde 1973, foi, como manda a lei, transferido para o limbo reserva.

Fizera a carreira com vincada elevação; cumprira, dando, de si os máximos que podia, com doação total da sua vida, o solene juramento de 33. Alcançara, entregando-se arduamente em cada momento, os cumes altos para que voara; a longa trajectória ficou sublinhada pelo rico acervo de condecorações, nacionais e estrangeiras, que muito se honraram no seu peito de soldado, testemunhando a carreira de um homem valoroso. Entre as muitas Ordens de Mérito e Medalhas, com que o homenagearam, Meira Mattos tinha justificado orgulho na Medalha Estrela de Bronze com que vira glorificado, por um Exército Aliado, o dos Estados Unidos, o seu comportamento corajoso e exemplar na frente de batalha da II Guerra Mundial⁵.

Ao mesmo tempo e com o mesmo sério interesse, o General embrenhara-se, pacientemente, no estudo e no culto da Ciência Política em geral e, em especial, no da Geopolítica, disciplina a que votaria a constância esmerada do seu empenho intelectual. Primeiro, estudando, com afinco sistematizado, pormenorizado, a doutrina e a gramática desse saber; retendo, para reflexão académica, os clássicos fundadores, de Ratzel a Kjellén, de Mackinder a Mahan, de La Blache a Demangeon, de Haushofer a Maúll e, também, os que, de imediato, se lhe seguiram, de Bowman a Fairgrieve, de Gyorgy a Whittlesey, de Toynbee a Tibor Mende, cujos saberes lhe enriqueceram as cogitações. Meira Mattos, como perpassa por toda a sua vasta obra, conhecia, em pormenor e em profundidade, as lições dos mestres, sobre elas tinha elaborado pensamento, tanto na crítica como no seu acolhimento; leitor exigente, nada se subtraía

⁵ Deu-me a conhecer cópia do texto oficial que justifica a distinção e ofereceu-mo, de seguida, como recordação. Em vida não me permitiria dar-lhe publicidade sem solicitar autorização, pois era proverbial a sua modéstia e o seu recolhimento. Infelizmente, estou dispensado dessa cautela e aqui a deixo, com o acrescento de que foi dos poucos textos assinados pelo próprio Gen. Clark: “*Q. G. do IV Exército. Gabinete do General Comandante. A.P.O N.45-Exército dos Estados Unidos. Assunto: Concessão de Medalha Estrela de Bronze. Ao: Capitão Carlos de Meira Mattos, 1-G-116417, Infantaria, Força Expedicionária Brasileira. De acordo com a Lei e as determinações do Regulamento do Exército, é-vos concedida a medalha Estrela de Bronze, por serviço meritório em combate. Citação: Capitão Carlos de Meira Mattos, 1G-116417, Infantaria, Força Expedicionária Brasileira, por serviço meritório em apoio de combate de 16 de Setembro de 1944 a 20 de Novembro de 1944, na Itália. O Capitão Meira, com intrépida acção, sob perigosas condições manteve a ligação entre um corpo do Exército Americano e uma Divisão da Força Expedicionária Brasileira. Por meio das suas frequentes visitas à unidade de linha de frente o Capitão Meira coordenou muitas tarefas difíceis, inclusive operação de tropas brasileiras contra posições inimigas. Sua dedicação ao dever, perseverança e esforços sem desfalecimentos, resultou em ser mantida uma íntima ligação que de outro modo não teria sido possível. A cooperação, determinação e agressividade pessoal desenvolvidas pelo Capitão Meira no cumprimento da missão que lhe foi confiada foram exemplares e de acordo com as elevadas tradições dos Exércitos Aliados. Entrou para o Exército Brasileiro em São Paulo-Brasil. Mark W. Clark, Tenente-General do Exército dos Estados Unidos*” (traduzido do original inglês na Sec. Esp. do Cmdo da F.E.B.).

à sua anotação cuidadosa, à investigação dos fundamentos, à comparação das proposições, seleccionando os materiais. Assim forjou, enriqueceu e robusteceu o seu próprio pensamento na matéria, dando-lhe vida autónoma, substância e ousadia no voo mesmo que, como era o caso, incontroversamente fundamentado. Longe de improvisos, como uma vez, prefaciando obra sua, escreveu Luís Viana Filho

Depois, noutra etapa, estudou e investigou, com o mesmo rigor, com o mesmo entusiasmo, com a mesma apetência pela ciência, a literatura nacional dedicada ao conhecimento da geopolítica e ao que, genuinamente brasileiro, a lastreava. Nada ficou por analisar e por esquadriñar; procurou explicações nos antigos⁶, reflectiu em detalhe sobre a escrita de Mário Travassos, Everardo Backheuser, Lysias Rodrigues, Rocha Correia, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre, Delgado de Carvalho, Leandro Tocantins, Lavanére Wanderley, Mário César Flores, Meira Penna, Octávio Tosta, Leonel Itaussu de Almeida Mello, Oliveiros Ferreira, Shiguenoli Miyamoto e Therezinha de Castro. Deteve-se, com admiração revelada e sempre particularizada, no Mestre superior que foi, a todos os títulos, Golbery do Couto e Silva,

Também nestes domínios, digamos civis, alcançaria o cume. Em 1983, apresentase, após anos de estudo e procuras, como um outro qualquer e comum peticionário, a provas para obtenção do grau académico de Doutor em Ciência Política. O júri da Mackenzie, onde teve assento magistral Gilberto Freyre, que cuidou, com exigência, como é da circunstância, da arguição, outorgou-lhe o grau pleiteado, depois de debatida a tese com que se candidata (logo a seguir publicada sob o título *Geopolítica e Trópicos*). O novel Doutor fez, assim, laureado segundo as severas regras da instituição, entrada solene nos claustros da Universidade brasileira, que o acolheu, efusivamente, como um dos seus. Também aqui, Carlos de Meira Mattos alcançara, por méritos sempre sujeitos a dura prova, a áspero contraditório, os cimos a que a sua personalidade intelectual fazia jus. Iniciou, então, com entusiasmo de caloiro, carreira de Professor na Universidade que lhe certificara o saber. E assim continuou estudando, meditando e disponibilizando generosamente, até ao fim, em publicações de toda a natureza, os conhecimentos amealhados aqui e ali em toda a sua longa existência.

⁶ A 20 de Setembro de 2007, o General respondia, assim, a um *e-mail* meu: "Estimado amigo Luis Fontoura. Recebi sua msg. Estou coordenando minhas ideias para lhe responder sobre meu interesse pelo desenvolvimento do Hinterland. Posso entretanto, desde já, adiantar-lhe que minha primeira inspiração veio dos "Apontamentos de José Bonifácio" de orientação para os deputados da Província de S. Paulo escolhidos para representar a Província na Assembleia Constituinte portuguesa em 1821. Abraços afectuosos CMMattos".

Era assim, o Autor que me cumpriu prefaciá-lo. Seu Amigo indefectível e Admirador convicto que lhe descobria, em cada conversa e em cada texto, novas coisas, novas reflexões, novas propostas, novos arremedos, ainda que no mesmo quadro conceptual, não pude dizer menos. E também não quis.

II

4. A obra do Doutor Meira Mattos que a **Editora UniverCidade** traz agora, completa, à estampa, assenta, já o dissemos, num abundante e rico repertório de conhecimentos proveniente de diferentes disciplinas do saber que o filtro da sua inteligência superior soube cuidadosamente eleger refinar e, por fim, dar-lhe coerência sem fissura numa síntese de notável consistência, autenticamente original⁷ em muitos aspectos.

A geopolítica que o Autor nos propõe é isso. No plano teórico, uma reflexão sistematizada em profundidade e amplitude que abrange todos os temas, alguns controversos ainda na sua verdura, incluídos no âmbito da disciplina a que Kjellén deu nome, questões que mergulham nos seus primeiros momentos e não perderam, aliás, muitos deles, actualidade controversa. Por ser assim, Meira Mattos é, frequentemente, autónomo e inovador, operando com mestria uma segura passagem da teoria pura à realidade do seu País, isto é, conseguindo, no conjunto da sua obra, dar proveniência a uma geopolítica genuinamente brasileira, nos seus alicerces, no seu desenvolvimento e nos fins para que a encaminha; é, ainda e finalmente, uma valiosa contribuição para o enriquecimento do pensamento geopolítico brasileiro, de tão marcada especificidade nacional, servido por cultores de elevado grau de competência, há muito reconhecidos internacionalmente.

Pela sua obra, toda ela constituindo um pensamento global dirigido à projecção de um Brasil Grande Potência, passam tanto as questões essenciais da teoria geral da geopolítica como as que respeitam, exclusivamente, ao espaço geopolítico do seu País, à sua genética territorial, como os temas, sempre candentes e controvertidos, do poder em geral e, mais, propostas originais e seriamente estruturadas sobre a estratégia interna e externa do seu Estado. Não é exercício difícil acompanhar as meditações do

⁷ Cfr. Philip L. Kelly, "Geopolitical Themes in the Writings of General Carlos de Meira Mattos of Brazil", in *Journal of Latin American Studies*, 1984, Vol. 16, N. 2, pp. 439-461.

General, inspiradas no aprofundado conhecimento da morfogênese do Estado brasileiro, na extensão do território que, jurisdicionalizado, reclamou tratamento específico para a sua valorização, na terra e no mar. A partir desta etapa nuclear da sua proposta, vem, a seguir, uma atenção particularizada da massa amazônica e, em consequência, a avaliação do poder nacional em potência e expectável, justificado no espaço em apreço. Depois, encontramos as preocupações que decorrem logicamente, imperativas, da posição e da forma do espaço brasileiro, geratrizes das opções geoestratégicas projectadas no continente e no oceano em frente da sua ampla fachada marítima e, como resultado, a política de relacionamento externo do Estado aconselhável a cada tempo, no imediato e na prospectiva, ambiciosa e profundamente sentida, para o resto do século. Tudo servido pelo empenho esforçado e dinâmico do sujeito geopolítico que se consubstancia no *homem brasílico* do nosso tempo que, com outros autores, sustenta Meira Mattos ser uma síntese secular da nação brasileira.

De 1960 (*Projeção Mundial do Brasil*) até ao seu último trabalho em 2007 (*Geopolítica e Modernidade. Geopolítica Brasileira*), decorreu meio século de intenso labor intelectual que se foi enriquecendo, consolidando, organizando, dominado pela ideia maior de um Brasil poderoso entre os poderosos.

5. No dizer do Professor, o Brasil é uma potência satisfeita⁸, no sentido de que não cultiva aspirações a espaço mais dilatado porque findou, historicamente, o seu processo de formação ou, por outras palavras, porque terão cessado as suas pulsões geopolíticas de crescimento. A estabilidade territorial do estado Brasileiro pode, pois, dar-se como conseguida. Mesmo provisório, em termos históricos imediatos, como o são todos os territórios sob soberania, o chão brasileiro está, para já, definido; povo, nação e Estado, fizeram-se e ocuparam e conformaram, para os tempos que virão, a pátria que se contém nos seus 23.127 quilómetros de fronteiras⁹.

O pensamento do autor, no que respeita ao espaço brasileiro, terrestre e marítimo, é uma síntese, reforçada e enriquecida, das teses dos autores nacionais, sem excepção

⁸ Um *macro-Estado*., como já disse, há 50 anos, André-Louis Sanguin (in *La Géographie Politique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1957, p. 23).

⁹ Na opinião de François Thual (“Méthodes de Géopolitique”, Paris, Ellipses, 1996, pp. 112 e sgts.), as ambições geopolíticas do Brasil não se colocarão mais em termos de absorções de espaço terrestre (em 60 anos, o Brasil registou o aumento territorial de 938 mil quilómetros quadrados) mas em termos de *presença*, de *influência*, dado o acesso que tem às mais evoluídas tecnologias, com o que ampara, a partir de uma base territorial estável, a sua vocação hegemónica continental.

convergentes no estudo, na avaliação e nas melhores soluções com vistas à transformação do poder-base em poder real e actualizável do Brasil. Reafirma, com vigor e rigor argumentativo, a necessidade iniludível da vertebração por linhas interiores, do vasto *hinterland*, linhas revigoradas a partir do Planalto Central, âncora federadora das forças centrípetas do espaço, promotoras da coesão interna do território. Propõe-se um *novo bandeirismo* apoiado pelo e no poder público, coadjuvado pela energia e criatividade privadas, percorrendo múltiplos caminhos certos e escolhidos, obediente a um plano de visão global e sistematizada, estudado nos seus pormenores e nos seus objectivos estratégicos dirigidos ao bem nacional. Esses novos impulsos bandeirantes querem-se susceptíveis de potenciar e dinamizar as forças da continentalidade que, por si próprias, deverão gerar e sustentar, depois, desenvolvimento e progresso.

Tratar-se-ia, esclarece o General, de despertar a *continentalidade adormecida*.

A política de continentalidade, desenvolvida, por definição, com autonomia relativamente à impulsão proveniente do mar e da costa é, aliás, um tema recorrente nas suas meditações. Com efeito, o nosso Autor pensou, para o *hinterland*, uma vida própria e completa que ali tivesse berço, ali se desenvolvesse, e que ali completasse o ciclo da existência com a fixação intensiva e direccionada de populações, a partir das quais a vida socio-económica florescesse com raízes e timbre locais, para minimizar a dependência da geografia tradicional. Com as gentes e com o desenvolvimento socio-económico tornar-se-á natural, na sua visão funcionalista, o aparecimento de novas fronteiras, económicas e culturais com os povos fronteiriços daí nascendo, com o correr do tempo, novas comunidades de fronteira, ligadas pelo cotidiano de interesses e, até, de sentimento. Na verdade, a criação de um novo espaço de fronteiras esbatidas, comum a diversas nacionalidades lindeiras (não já apenas fazendo o aproveitamento dos *nudos*), numa área central distante da necessidade da influência dos oceanos a este e a oeste, com vida própria solidamente integrada em toda a sua complexa multidimensionalidade. A ambição mais ousada do General traduziu-se nisso exactamente, na *continentalização da hinterlândia sul-americana*, que, na sua ideia, seria decisivamente impulsionada pela criação do que chamou de *áreas interiores de intercâmbio internacional*, “áreas que adquiram personalidade própria, que se alimentem de interesses mútuos, que sejam capazes de criar economia própria, cujas

populações se realizem dentro de uma mentalidade interiorana deixando, portanto, de ser paragens longínquas, dependentes, quase exclusivamente, de suas conexões marítimas”. Uma impulsão vigorosa para o aparecimento natural de uma união virada para o desenvolvimento regional transnacional. O professor desvaloriza nacionalismos estreitos e egoístas, pretende uma solução comunitária para o continente, projectado, geopoliticamente, como um todo, tendo a União Europeia como matriz ressalvadas as especificidades.

6. Esta antevisão do Doutor Carlos de Meira Mattos da criação de uma Grande Sul America entendida como um ente *a se* não obstantes as linhas políticas que dividem os países que a integram, e resultante directamente do êxito das já referidas áreas interiores de intercâmbio fronteiriço, conduz-nos, directamente, aos seus pensamentos sobre uma geopolítica do espaço Amazónico¹⁰. Como escreveu, o cerne do problema do despertar da continentalidade está concentrado, essencialmente, nesse gigantesco território, previsto na sua grandeza futura, na sua importância decisiva. Convoca-lhe a História, avalia as imensidões das florestas, a abundância das águas, recipiente que é de todas elas, sublinha a quase ausência de gente, intui o potencial esmagador deste espaço de 7 milhões de quilómetros quadrados (mais de 2 quintos do continente), 69% dos quais sob soberania brasileira; recorda a linha de contorno da enorme massa amazónica de 17.500 quilómetros, 16 mil de fronteiras terrestres e 1.500 de litoral atlântico, fora o mar patrimonial. Concebe-o, em última visão, como que um *nucleus*, foco gerador de novos futuros para o Brasil, para os seus condóminos amazónicos e para o Continente, cumprida que seja uma outra estratégia de ocupação, de desenvolvimento e de integração. Um impulso vital não proveniente exclusivamente da costa atlântica, embora beneficiando do tradicional, mas muito complexo, sistema fluvial, mas que, além disso, emirja do generoso e pujante húmus amazonense ele próprio, criando e recriando vida e progresso, cumprindo um destino continental. O Doutor Meira Mattos desafia-nos, na sua obra a respeito, para uma estratégia continentalista sem prescindir, sem embargo, do apoio da maritimidade que

¹⁰ Além do que abundantemente escreveu sobre este tema em seus livros, o General Meira Mattos publicou, ainda, dois interessantes estudos que a *Revista da Escola Superior de Guerra* reeditou na edição que este ano lhe dedicou sob o título genérico *O General Meira Mattos e a Escola Superior de Guerra*. São eles “A importância Geopolítica da Amazônia Brasileira” e “A Tese da Internacionalização da Amazônia”.

marginha tal espaço. Admite que, construídas e dinamizadas as condições adequadas, os meios cumprirão o seu papel, germinando vida social e, esbatida a coalescência natural, ocorrerá, sequencialmente, o fenómeno de uma auto-colonização. Da terra, da floresta, das suas águas, brotarão vida e progresso.

Enfim, o *homem regional* de Mestre Gilberto Freyre.

Esta explosão de vida no coração da América do Sul determinará, na visão de Meira Mattos, não apenas a revalorização exponencial da amazónia brasileira mas, sobretudo, importará uma alteração completa e radical no campo de forças¹¹ em que se traduz tal espaço geopolítico. A criação e fomento das suas *áreas interiores de intercâmbio fronteira* como repetida e insistentemente sugere, é a impulsão necessária e suficiente, como estratégia, assim o deseja e assim o prevê, para uma gigantesca Pan-Amazônia, integrada social, política e economicamente por todas as Amazônias de todas as outras soberanias, o que significará um excepcional aumento de importância política para o continente. Recordem-se os três pontos em que firma sua estratégia: a frente das vertentes andinas, pioneira na acção de Orellana, a frente do Planalto Central, por conta de Raposo Tavares e a frente do litoral atlântico, iniciada, nos primórdios, por Pedro Teixeira. Demos, entretanto, a palavra ao Professor: “O conceito geopolítico predominante será o de *uma estratégia continentalista apoiada pela maritimidade que margina a área*. O núcleo continental pan-amazônico deverá criar condições de vitalidade interior e melhorar seus respiradouros no Atlântico e no Pacífico. Esta estratégia continentalista, para superar as dificuldades da imensidão geográfica, da natureza agressiva da floresta e do clima, do vazio demográfico, do atraso económico e da insuficiente vertebração dos transportes.....será exequível se apoiada numa *vontade colectiva multinacional*”. Uma comunidade internacional pan-amazônica, como conceitua¹².

Chamemos, de novo, a sua palavra, bastante elucidativa do seu pensamento mais profundo: “A continentalização da América do Sul criará uma nova valorização do seu território, pela enorme expansão das suas actuais fronteiras económicas, e não temos receio de dizer que a aceitação dessa ideia por todos os países interessados,

¹¹ Cfr. Carl Schmitt, *Terre et Mer*, Paris, Éditions du Labyrinthe, 1985, pp. 88-90.

¹² Cfr. Nicolas Boscovich, “Pensamiento geopolítico brasileiro: Travassos, Golbery, Meira Mattos”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1986, Ano XXII, N. 34, pp. 37-44.

acrescentará ao presente património económico continental, uma nova extensão equivalente à que hoje existe”.

O nosso autor é assim quase desmedido no seu propósito, nos desdobramentos da sua prospectiva geopolítica: ele pretende uma única Amazónia, antecipa uma Amazónia Sul-Americana e, mais, ainda, quere-a como entidade geopolítica que potencie, decisivamente, a construção de uma América do Sul Continental pujante, social, económica e politicamente, um novo e vigoroso poder para desempenho em um novo cenário internacional. Talvez se possa encontrar, aqui, a sua referência ao *pan-americanismo*¹³.

7. O Mar e a fronteira marítima não ficaram minimizados nas cogitações do Professor Meira Mattos. Como acentua, os estímulos marítimos do espaço brasileiro vêm dos primeiros momentos da sua existência como ente geopolítico. O amplo mar atlântico trouxe os primeiros colonizadores portugueses e ao longo da costa foram-se gerando os seus núcleos géohistóricos de que irradiou, depois, a fixação pelas praias do imenso litoral. Hoje, de pertença à soberania do Brasil, são 3,5 milhões de quilómetros quadrados de mar (mais de 2/3 do território continental), prenes de riquezas várias, nele próprio, no solo e no subsolo, onde jazem valores incalculáveis que se acrescentam aos do espaço geográfico terrestre.

Um vastíssimo espaço geográfico marítimo que desloca a fronteira Este do Brasil muito para dentro do Atlântico, enriquecendo, sobremaneira, o todo brasileiro. Como ensinou Ratzel, o mar é um dos melhores meios de poder (*das Meer is eins der Grössen Machtmittel*)¹⁴, um objecto geopolítico importante.

À extraordinária valia económica do Atlântico Sul, junta o Professor a sua importância geoestratégica. O critério da disciplina, eleva o Atlântico Sul acima do equador, inicia-o numa zona de interesses de várias soberanias, não apenas as do continente mas, ainda, as de uma vintena de soberanias africanas que, integrados os interesses, podem dominar, estrategicamente, o Atlântico. Natal de um lado e Dakar do

¹³ Meira Mattos reivindica, para o diplomata santista Alexandre de Gusmão, a qualidade de precursor da ideia do pan-americanismo. Com efeito, Gusmão, ao redigir o *Tratado de Madrid* (1750, meio século antes de Bolívar e Monroe), consigna que os vassallos das duas Cortes Ibéricas, em caso de conflito entre elas se devam conservar “como se não houvesse tal guerra entre os Soberanos”.

¹⁴ Friedrich Ratzel, *Das Meer als Quelle der Völkergrösse. Eine Politisch-geographische Studie*, von Friedrich Ratzel, Munich/Berlin, R. Oldenbourg, 1911.

outro (3.500 klms separam os dois salientes), estabeleceriam o amplo arco de entrada do lago Atlântico Sul, espaço marítimo a exigir, de todos, de um lado e do outro do oceano, estratégia geral participada e activa que proteja as linhas de comunicação que nele abundam, algumas vitais, como a Rota do Cabo; que assegure as de comércio exterior em todos os azimutes, integrando-se na maritimização da economia mundial; que garanta a segurança e a harmonia da zona¹⁵, amplo corredor de ligação para o Pacífico e para o Índico. Aí assentaria, lembra o Professor, a necessidade de o Brasil sustentar uma estratégia marítima própria atlântica, não esquecendo, no entanto, o imperativo da projecção do seu poder para a imensidão do Oceano Pacífico, o Grande Mediterrâneo. Aqui, tendem a concentrar-se, para concretização imediata, interesses económicos e estratégicos de todas as grandes potências ribeirinhas e, mesmo, as de outras paragens. Esta bi-oceanidade do Brasil parece ser uma meta do futuro. Como acentuou Philippe Masson¹⁶, o *sea power* constitui expressão de um determinismo simultaneamente geográfico, demográfico, económico—e de uma vontade.

Sempre com coerência incriticável e percepção estratégica muito para além da circunstância, o nosso Autor adere à tese de uma possível Comunidade do Atlântico Sul, integrada pelos Estados das duas margens do Atlântico. Meira Mattos vaticina-lhe desenvolvimentos estimulantes que, robustecendo economias integradas fizesse progredir social e economicamente a região. Além de, naturalmente, promover e sustentar a segurança das soberanias regionais¹⁷.

E neste reflectir maduro, caminha para uma definição da política externa do seu País. Cultor atento e rigoroso das injunções deterministas da Geografia e da História e sentindo, bem, o seu sangue retintamente brasileiro e ao que ele aspira, com tudo isso indaga, também, acerca das linhas essenciais do comportamento externo do Brasil. Mantém, na essência, pelas mesmas razões, o rumo que vem de séculos, os mesmos princípios, os mesmos objectivos, os mesmos aliados, a mesma visão do Mundo. Mas não deixa de sublinhar um olhar atento para África, salientando-lhe a excepcional importância geoestratégica para os interesses do Brasil e, estes, de todo o género. Por isso, uma primazia a manter.

¹⁵ Cfr. Howard Taylor Pittman, “Geopolítica y Política Externa de la Argentina, Brasil y Chile”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1984, Ano X, N. 29, pp. 86-93.

¹⁶ Phillippe Masson, in *La Puissance Maritime et Navale au XXe Siècle*, Paris, Ed. Perrin, 2002, p.52.

¹⁷ Ver Carlos de Meira Mattos, “The Strategic Importance of the South Atlantic”, in Philip Kelly e Jack Child, eds., *Geopolitics of the Southern Cone and Antártica*, Boulder, Lynne Rienner Publishers, 1988, pp. 214-222.

Penso que devem creditar-se também ao Doutor Meira Mattos, e nesta linha do seu pensamento, as primeiras atenções do Brasil para a possibilidade, quando não verdadeiro imperativo estratégico, de reagrupar os povos que utilizam o português numa comunidade¹⁸, o que viria a acontecer trinta anos depois, em 1996, com a criação da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa-CPLP*¹⁹. Cinco deles ligados, directamente, ao Atlântico Sul.

8. O Brasil é, neste momento, um espaço geopolítico de 12 milhões de quilómetros quadrados, 8.456 de terra e 3,5 de mar. Ali se contém, é consabido, um poder putativo e um poder real tão valiosos que o colocam entre os poucos que têm legitimada a ambição à categoria de Grande Potência, um poder determinante em todo o teatro internacional.

Meira Mattos, tenente-coronel, deu à estampa, há quase meio século, o seu *Projectão Mundial do Brasil*, escrito que tem no clássico de Mário Travassos (*Projectão Continental do Brasil*, de 1931) a sua inspiração essencial embora acrescentando-lhe, de seu lado, uma ambição não limitada por fronteiras, um objectivo planetário, a visão do Brasil Grande Potência que, de resto, seria uma sonho até aos derradeiros instantes. O nosso Autor não achou demais a aventura de projectar o Brasil para o grande espaço, o Mundo.

Para alicerçar o querer, começou por avaliar, com critério, os elementos estáveis do espaço geopolítico brasileiro e, na sua indagação, só encontrou, a seu ver, respostas superlativas. Na extensão continental sob jurisdição do seu Estado; na posição privilegiada, com a sua imensa fachada marítima a oferecer dominância oceânica, económica e militar, um desígnio geopolítico, em resumo; na configuração quase compacta de território, a preencher os requisitos basilares do poder; no mar em frente, rico, por largas milhas; e na estrutura física bem desenhada, caminhando para uma integração estrategicamente concebida. O conjunto indiciou-lhe, inequivocamente, um

¹⁸ Carlos de Meira Mattos, “Portugal na África”, in *Defesa Nacional*, 1962 (Jan/Fev), pp. 63-65. O General revelou-me que, neste mesmo ano de 1962 expusera, em Lisboa, sem êxito, o seu **pensamento** sobre o futuro do então Ultramar Português. Não chegou a proferir a conferência para que fora convidado.

¹⁹ Justo será referir que se deve ao então Embaixador do Brasil em Lisboa, José Aparecido de Oliveira, à sua lúcida percepção do futuro, o esforço final para a oficialização da CPLP. Como já escrevi, “venceu obstáculos que pareciam insuperáveis, convenceu opositores, entusiasmou reticentes, mobilizou vontades, congregou esforços, concertou desavindos” (Cfr. Luis Fontoura, “CPLP-A importância do Brasil no espaço lusófono”, in *Separata da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, 2001, N. 28 e *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, 2002, Ano LXXXVIII, N. 794, Set/Out/Nov/Dez, pp. 124-141)

somatário singular de condições prévias condicentes com as exigências do grande poder. Condições que completou com a análise dos factores variáveis, em que o Brasil lhe mostrou índices, actuais e potenciais, que, em conjunto, legitimaram as conclusões do investigador.

A terra e o mar brasileiros contêm, no solo, no mar, no subsolo terrestre e marítimo, um poder-base por estimar, ainda, na sua plenitude, mas que se pode antever, mesmo timoratamente, com uma expressão que eleva o País a um *rank* proeminente e significativo entre as grandes potências. Os recursos abundam por todo o espaço, as espécies são diversificadas, poucas se excluíram do elenco que se considera como decisivo e determinante na construção do poder nacional. Meira Mattos cria o seu próprio método de avaliação do poder nacional brasileiro²⁰. Mais uma vez, as conclusões não podiam ser mais favoráveis à tese que sempre perfilhou de que o seu País deveria cotar-se entre as potências de primeiro plano. Com a vantagem suplementar, relativamente a outras avaliações, de que os valores que, operacionalizada a Fórmula, conduzem a tais conclusões, se encontrarem a coberto de flutuações de circunstância, isto é, são reais, *a se*, o que não é despiciendo numa avaliação que se firma no *perceived power*.

Questão importante será a condução do processo de conversão desse poder potencial em realidade, a exigir do homem esforço contínuo e planificado, e eficaz utilização do tempo. Meira Mattos, na sua tese de doutoramento (*Geopolítica e Trópicos*), trata toda esta matéria com amplitude e rigor académico. Explica bem por que o Brasil está destinado a ser uma das primeiras potências mundiais. Compreendeu, bem, onde leva a dinâmica dos factores do espaço geopolítico brasileiro, a sua interacção permanente e os produtos daí resultantes.

9. Creio que o Professor Meira Mattos é, desde o aparecimento da disciplina, nos princípios do Sec. XX, o único Autor que coloca no centro do seu saber e das suas reflexões geopolíticas, o ser Humano, deixando justificadamente subalternizados os factores tradicionais que compõem a disciplina. Com ele, o Homem surge-nos como dado angular da geopolítica. Isto é, a meu ver, o que de mais original se encontra na

²⁰ Os valores que elege para o seu método são os seguintes: *dimensão e posição geográfica, população, recursos naturais, capacidade industrial, tecnológica e científica, capacidade militar e coesão interna.*

sua obra, o grande contributo do nosso Autor para esse ramo do saber de que é, aliás, como referi, um cultor de gabarito excepcional.

De um modo geral, os Autores não levam em consideração a presença do Homem como o grande sujeito da geopolítica, o principal operador e agente dinamizador da conjugação dos factores geopolíticos com vistas a obterem-se os produtos da interacção entre eles. Sem a sua acção, tudo restaria em potência inútil, quase sem préstimo. Ora o nosso Autor convoca ao processo geopolítico brasileiro, em todos os seus livros, a entidade a que chama *homem brasileiro*, confere-lhe o papel central a partir do qual tudo deve acontecer e todas as grandezas se tornam possíveis; foi, até agora, o único geopolitólogo que chamou o Homem para dinamizador de uma concepção geopolítica. O *homem brasileiro*, segundo ele, nasce com o Brasil, molda-se e desenvolve-se com, e nele, desde os primeiros momentos²¹; quando rompe a floresta densa, quando entra pelos matos agrestes, quando leva, sofrendo mil percalços, as bandeiras ou faz suas entradas com um querer inquebrantável, demonstrando, desde os primórdios, um notável sentido do espaço (*raumssin*).

É o *homem brasileiro* que assim vai ganhando ser e formando a alma (*volksseele*), figurando mitos e memórias históricas comuns, temperado nesses sofrimentos, nessas aventuras, nesses sacrifícios, nesse querer indomável de chegar mais à frente, organizar o espaço e, ao mesmo tempo, crescer como nação²². Nessa aventura para os novos horizontes estiveram, primeiro, os colonos, mas logo a seguir, os seus descendentes já brasileiros, os mamelucos, os índios e os africanos que comandaram bandeiras e fizeram a construção progressiva do País de hoje, criando as estruturas sociais, económicas e políticas. É esta raça, sustenta o Mestre, que vence o desafio adverso da natureza tropical, se aclimata, se fixa, se dissemina pelo território (*spiritus movens*) e que vence, mais tarde, de armas na mão, os invasores da sua Pátria; é esta

²¹ Ver Lewis Tambs, “Brazil’s Expanding Frontiers”, in *The Americas*, 1966, Vol. 23, N. 2, pp.165-179; H.B. Johnson, “The Portuguese Settlement of Brazil, 1500-1580”, in Leslie Bethel, ed., *The Cambridge History of Latin America*, Vol. I, Cambridge, Cambridge University Press, 1987, pp. 249-286; Roderick J. Barman, *Brazil. The Forging of a Nation, 1798-1852*, Stanford, Stanford University Press, 1988, pp. 217-242; E. Bradford Burns, *A History of Brazil*, 2ª ed., New York, Colúmbia University Press, pp 58-72; Emília Viotti da Costa, *The Brazilian Empire. Myths & Histories*, Chappell Hill, The University of North Carolina Press, 2000 e João Capistrano de Abreu e Arthur Brakel, *Chapters of Brazil’s Colonial History, 1500-1800*, New York, Oxford University Press, 1997.

²² Ruben Oscar Montoro, “Historia de un expansionismo geopolítico”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1976, Ns. 3 e 4, Março/Junho, pp. 27-41. Cfr. Aziz N. Ab’Saber, Antônia Fernanda P. de Almeida, et al., *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo I, A Época Colónial, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, pp. 283-323; Rocha Pombo, *História do Brasil*, Vol II, Rio de Janeiro, W. M. Jackson, Inc., Editores, 1953, pp. 281-213 e Luiz Toledo Machado, *Formação do Brasil e Unidade Nacional*, São Paulo, IBRASA/Instituição Brasileira de Difusão Cultura, 1997, pp. 43-76, sobre o instinto da nacionalidade e, pp. 111-123, sobre o nascimento da nação.

raça, a do homem brasílico, mistura secular de vários sangues, que vai criando a sua consciência política²³, que vai gerando o sentimento de pertença a um povo (*volksgeist*). É este indivíduo que o Mestre, conhecedor e estudioso da etnogénese do povo brasileiro traz para o centro do seu pensamento geopolítico, nele ancorando todas as suas esperanças e com ele partindo para os cumes do Poder Mundial. Uma nação política, activa e independente. Uma *staatsnation*, como disse Friedrich Meinecke.

O General Meira Mattos conhece, também, os pressupostos imprescindíveis em que, além das condições geográficas singularmente favoráveis e das provas já dadas pelo homem brasílico, se poderá criar, desenvolver e sustentar o poder nacional. Insiste, com frequência, ao longo da sua obra, que só se chegará à plenitude do êxito se fôr possível conjugar, incessantemente, nesse objectivo, uma série de vectores estratégicos convergentes na coesão nacional, elemento essencial ao *national attachment*.

O nosso Professor recorda-nos²⁴, e perfilha convictamente, que este elemento tem como indispensável uma solidariedade social viva, construída numa justiça social que una, seriamente, o todo nacional, sem exclusões aviltantes; que assenta num sistema de educação que a todos faça chegar o conhecimento, que a todos eleve à modernidade; que exige saúde e segurança social distribuídas por todos, com justiça; que saiba manter a unidade psicológica da população, depositária da herança espiritual da nação histórica; que desenvolva as liberdades e a democracia²⁵ como condições da participação política activa e verdadeira e empenhada e do progresso, sem a qual dificilmente se poderá falar em coesão nacional. Sem esta, ter-se-á, quase sempre, um poder nacional débil, inconsistente, incapaz de dar resposta eficaz e triunfante aos desafios a que se proponha a geopolítica do Estado. No seu entender, o poder de um

²³ Cfr. Rudolph Kjellén, *Der Staat als Lebensform*, Berlin, Kurt Vowinkel Verlag, 1924, pp. 109 e sgts.

²⁴ Cfr. Philip L. Kelly, “Avances Recientes de la Geopolítica del Brasil”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1986, Ano XXII, N. 33, pp. 63-77.

²⁵ Como escreveu Meira Mattos: “... prosseguimos no afã incansável de modernizar a sociedade brasileira, completando a obra de renovar o sistema de ensino, os processos de produção e os meios de serviços, buscando essa modernização nos seus aspectos político, económico., social educacional e cultural. No político, procurando os níveis de participação, de organização e de benefícios sociais, por meio do progresso social e tecnológico; no económico, lutando pelo crescimento constante do produto interno bruto e do *per capita*, por uma melhor distribuição de renda, e pelo emprego de uma tecnologia cada vez mais avançada; no social, intentando estabelecer padrões de organização geral e social que correspondem à expansão dos benefícios da urbanização a todas as áreas e a uma mudança de valores das profissões, resultante do aumento de especialização e oportunidades de distribuição; na educação, ampliando as oportunidades de ensino a todos os brasileiros, de todas as partes do território, melhorando a qualidade do ensino, incrementando a pesquisa, adequando o sistema às necessidades políticas, económicas e sociais do País, disseminando conhecimentos teóricos e técnicos, de sorte a difundir a todos de actividade, a crença na racionalidade; no cultural, estimulando o espírito nacional no cultivo das ciências e das artes, no estudo e na fé nos valores essenciais de nossa história e nossa civilização de raízes cristãs e democráticas”.

Estado não se explica unicamente pelo território e seu potencial mas, também, e sobretudo, pela qualidade e organização da sua população.

Sendo tudo assim, o Brasil figurará, no tempo certo, no restrito elenco das grandes potências internacionais. Na sua visão, o homem brasileiro tem capacidades de sobra para conduzir, com êxito, o complexo, árduo e moroso processo de transformação do seu poder potencial em poder real e actual. Será só seguir, com rigor, os conselhos do grande brasileiro que ele foi, e em todas as circunstâncias.

10. Toda a obra do Ilustre General e Professor é uma convocação nacional para a grandeza. Como escreveu para a posteridade, “Terminamos nosso livro procurando esboçar uma *medida do esforço nacional* para chegarmos ao ano 2000. Será um esforço tremendo, um desafio monumental. Mas estamos certos de que não nos faltará ânimo e vontade para chegarmos à meta—de transformar este País, no ritmo exigido pelas aspirações do seu povo, pelo gigantismo do seu território, pela impulsão acelerada da ciência e da tecnologia, em uma sociedade democrática desenvolvida, estável e feliz.. Pretendemos chegar ao umbral do ano 2000 desfrutando de uma posição de destaque entre as sociedades democráticas do Mundo. Nossa meta é persistir no ritmo de desenvolvimento que vem sendo alcançado, de sorte a criar uma sociedade moderna, progressista e humana; uma sociedade em que o Homem alcance sua plena realização, possa realizar todas as dimensões de suas necessidades e aspirações”.

Legou-nos, este brasileiro Ilustre entre os Ilustres, uma sábia mensagem final: “Ao terminar, queremos deixar gravada a mensagem política, a ideia-força que inspirou os nossos melhores pensadores do passado e que há-de continuar aquecendo o espírito e a vontade das gerações vindouras. Eis a nossa missão: vitalizar o potencial humano e geográfico do País, a fim de construir uma das nações mais prósperas e respeitadas do Mundo”.

11. Concluindo estas breves notas que ficam, em rectos termos, muito aquém do que seria certo e justo, sempre direi que o Professor Carlos de Meira Mattos soube olhar para o passado como cientista e como brasileiro, entendendo-o e sentindo-o; soube analisar o presente com lucidez e detectar a multiplicidade das forças de

impulsão que lhe fixam o destino, avaliando, com rigor, a dinâmica interactiva dos factores do espaço geopolítico brasileiro; e soube, em consequência desse profundo saber, ambicionar, justificando-o, um futuro de grandeza para o seu Brasil.

A verdade é que já aí temos a Pátria brasileira como facto aceito cotada incontrovertidamente em lugar cimeiro, entre as mais poderosas do planeta. Tal como ele sonhou; tal como anteviu. Tal como soube, de ciência certa, que ia acontecer.

Bibliografia:

- Ab'Saber, Aziz N., Almeida, Antónia Fernanda P. de *et al.*, *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo I, A Época Colonial, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- Barman, Roderick J., *Brazil. The Forging of a Nation, 1798-1852*, Stanford, Stanford University Press, 1988, pp. 217-242
- Boscovich, Nicolas, “Pensamiento geopolítico brasileño: Travassos, Golbery, Meira Mattos”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1986, Ano XXII, N. 34, pp. 37-44.
- Burns, E. Bradford, *A History of Brazil*, 2ª ed., New York, Colúmbia University Press, Costa,
- Costa, Emilia Viotti da, *The Brazilian Empire. Myths & Histories*, Chappell Hill, The University of North Carolina Press, 2000
- Fontoura, Luis, “CPLP-A importância do Brasil no espaço lusófono”, in *Separata da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, 2001, N. 28 e *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, 2002, Ano LXXXVIII, N. 794, Set/Out/Nov/Dez, pp. 124-141)
- João Capistrano de Abreu, e Bralel, Arthur, *Chapters of Brazil's Colonial History, 1500-1800*, New York, Oxford University Press, 1997.
- Johnson, H. B., “The Portuguese Settlement of Brazil, 1500-1580”, in Leslie Bethel, ed., *The Cambridge History of Latin America*, Vol. I, Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- Kelly, Philip L., “Avances Recientes de la Geopolítica del Brasil”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1986, Ano XXII, N. 33, pp. 63-77.
- Kelly, Philip L., “Geopolitical Themes in the Writings of General Carlos de Meira Mattos of Brazil”, in *Journal of Latin American Studies*, 1984, Vol. 16, N. 2, pp. 439-461.
- Kjellén, Rudolph, *Der Staat als Lebensform*, Berlin, Kurt Vowinkel Verlag, 1924, pp. 109 e sgts.
- Machado, Luiz Toledo, *Formação do Brasil e Unidade Nacional*, São Paulo, IBRASA/Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1997, pp. 43-76, sobre o instinto da nacionalidade e, pp. 111-123, sobre o nascimento da nação.
- Masson, Philippe, in *La Puissance Maritime et Navale au XXe Siècle*, Paris, Ed. Perrin, 2002, p.52.
- Meira Mattos, Carlos de, “The Strategic Importance of the South Atlantic”, in Philip Kelly e Jack Child, eds., *Geopolitics of the Southern Cone and Antártica*, Boulder, Lynne Rienner Publishers, 1988.
- “Portugal na África”, in *Defesa Nacional*, 1962 (Jan/Fev), pp. 63-65.
- Montoro, Ruben Oscar, “Historia de un expansionismo geopolítico”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1976, Ns. 3 e 4, Março/Junho, pp. 27-41
- Pittman, Howard Taylor, “Geopolítica y Política Externa de la Argentina, Brasil y Chile”, in *Geopolítica*, Buenos Aires, 1984, Ano X, N. 29, pp. 86-93.
- Pombo, Rocha, *História do Brasil*, Vol II, Rio de Janeiro, W. M. Jackson, Inc., Editores, 1953, pp. 281-213
- Ratzel, Friedrich, *Das Meer als Quelle der Völkergrösse. Eine Politisch-geographische Studie*, Munich/Berlin, R.Oldenbourg, 1911.
- Revista da Escola Superior de Guerra*, 2000, N. 39, pp. 58-82.
- Sanguin, André-Louis, *La Géographie Politique*, Paris, Presses Universitaires de France, 1957.
- Schmitt, Carl, *Terre et Mer*, Paris, Éditions du Labyrinthe, 1985, pp. 88-90.
- Silva, José Bonifácio der Andrada, *Lembranças e Apontamentos do Governo Provisorio da Província de São Paulo para os seus Deputados; mandados publicar por ordem de Sua Alteza Real, o Príncipe Regente do Brasil; às instâncias dos mesmos Senhores Deputados*, Rio de Janeiro; na Typographia Nacional, M.D. CCC. XXI.
- Sousa, Gabriel Soares de, *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.
- Tambs, Lewis, “Brazil's Expanding Frontiers”, in *The Americas*, 1966, Vol. 23, N. 2, pp.165-179;
- Thual, François, “Méthodes de Géopolitique”, Paris, Ellipses, 1996.

